



A MATERIALIDADE TÁTICA DA LINGUAGEM NO COTIDIANO DA CIDADE PÓS-MODERNA¹

Bruno Guimarães Martins²

Professor Ms. do departamento de Comunicação Social da UFMG.

Resumo: A partir de uma concepção de linguagem que aponta sua centralidade para construção de uma realidade compartilhada intersubjetivamente no espaço cotidiano, discute-se o papel dos atos de linguagem na cidade contemporânea como possibilidade de trocas práticas e simbólicas que escapam das mídias convencionais. Os conceitos de tática e estratégia propostos por Michel de Certeau são discutidos em relação às modificações espaço-temporais da cidade pós-moderna na tentativa de identificar objetos distintos dos discurso da mídia como objetos de estudo para a comunicação.

Palavras-chave: mídia; cotidiano; pós-modernidade; linguagem.

Introdução

Vamos tomar a linguagem como ponto de partida para pensar as interações sociais. Lembrando os fundamentos da “sociologia do conhecimento”, exposta no livro *A construção social da realidade*, de Luckmann e Berger, podemos certamente repetir que vivemos “em um mundo de sinais e símbolos todos os dias” (2002: 61). A vida cotidiana é, para nós, o espaço em que experimentamos a realidade. Sabemos que a expressividade humana é capaz de objetivações ao se utilizar da linguagem. O cotidiano se baseia sobretudo na linguagem e é por meio dela que compartilhamos o mundo com nossos semelhantes. Ao apreender a linguagem, apreendemos não só um conteúdo enunciado, mas a própria realidade da vida cotidiana. O abismo que se faz entre a nossa compreensão subjetiva e a realidade somente pode ser transposto pela linguagem. A compreensão do outro é que torna o existir possível. Ao ultrapassar a expressão direta do “aqui e agora”, efetivada na conversa face a face, a linguagem possibilita ao homem acumular e transmitir significados através das gerações. O inatingível à linguagem descritiva encontra alento no simbólico, podendo nos levar a regiões distantes da nossa experiência cotidiana. Ao vivificar constantemente sinais e símbolos construímos e

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação e Culturas Urbanas, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Bruno Guimarães Martins é mestre em Comunicação Social pela UFMG e professor assistente da mesma instituição. Ministra disciplinas relacionadas à teoria da linguagem, publicidade, criação, produção gráfica e tipografia. E-mail: morca@terra.com.br



aprendemos uma realidade subjetiva e compartilhada. O movimento de experimentar o mundo está, dessa forma, mediado pela linguagem a partir de um processo dialético contínuo de interiorização (de uma realidade objetiva) e exteriorização (de uma realidade subjetiva). Não se trata de compreender a linguagem como estática e representativa, mas como capaz de expressar subjetividades e tecer relações. A realidade é *construída* a partir da linguagem e se realiza na linguagem, e são as inter-relações entre sujeito, sociedade e linguagem que constituem um estar no mundo, que instituem uma diversidade de discursos estimulados pela experiência. Para compreender o papel da linguagem que constitui, e ao mesmo tempo, é constituída pelo tecido social em que está inserida, vamos compreender a linguagem “em ação”, em seu caráter dialógico, como apontado por Bakhtin:

Na realidade toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade. (1992: 113)

Temos então uma dinâmica comunicativa entre texto e leitor, a relação não se dá na forma de um projeto, mas que se constitui como um conflito criativo que define os atos de linguagem. Nesse jogo agonístico, aqueles que dizem não podem ser classificados como manipuladores ou simplesmente como propositores de diálogo. Quando as realidades subjetivas dos produtores se realizam em intenções comunicativas, novas formas de vivificar a linguagem surgem nos lances de um jogo interativo com leitores indeterminados e com os inúmeros contextos de produção e inserção.

... falar é combater, no sentido de jogar, e [...] os atos de linguagem provém de uma agonística geral. Isto não significa que se joga para ganhar. Pode-se realizar um lance pelo prazer de inventá-lo: não é este o caso do trabalho de estímulo da língua provocado pela fala popular e pela literatura? (LYOTARD, 1993: 17)

A constituição do campo da comunicação, para usar os termos de Braga (2001), enfrenta as dificuldades geradas pela pouca idade das reflexões, pelo seu caráter de interdisciplinaridade singular, por sua aparente falta de especificidade em relação a outras disciplinas das ciências sociais e, principalmente, pela falta de delimitação de seu objeto. Sem negar a importância das contribuições trazidas pelos estudos realizados a partir da crescente importância dos meios de comunicação de massa, não podemos nos



deixar seduzir por sua aparente onipresença, pois a comunicação nos diz menos de um objeto específico e mais da mediação, de como a sociedade conversa, das interações travadas entre os indivíduos. Dessa forma, a pesquisa em comunicação deve se configurar como uma perspectiva, como um olhar comunicacional sobre os fatos sociais. Na cidade contemporânea, onde os muros invisíveis e a velocidade das redes aprisionam e impõem ritmos acelerados à percepção, o caminhar desinteressado do *flâneur* não parece mais ser possível. Os espaços públicos surgem como esvaziados, espaços limite que seguem, contudo, habitados. Em meio à saturação e a homogeneização do espaço urbano, subsistem, no entanto, vestígios de vozes, formas de apropriação (e de reapropriação) desse espaço que resistem às regras que os constituem. É a importância do próprio ato, permeado por escolhas, independentemente de sua projeção ou de seu conteúdo, o que marca a diferença entre o comunicar e o identificar-se. Vejamos a distinção descrita por Braga entre a cultura e a comunicação:

O gesto de cultura [...], em situação de auto-explicitação, já não é apenas movimento de participação e de identificação do indivíduo na comunidade. É também expressão consciente desse identificar-se – é comunicação (aos iguais e aos diferentes) da opção feita. Corresponde a uma seleção entre diversos jogos e atuação consciente sobre suas regras, via interação social. (BRAGA, 2001: 35-36)

É justamente no ato de auto-explicitação que encontramos os elementos constitutivos da comunicação. Aproximando a especulação teórica a propósito do caráter dialógico e constituidor da linguagem do tema proposto por este artigo pode-se dizer que existe uma “maioria marginalizada” no ambiente da cidade pós-moderna, que está visivelmente distante de exercer uma função ativa na produção dos meios de comunicação de massa. Aceitando as implicações que se colocam a partir do contexto de “codificação/decodificação” para lembrar o interessante artigo de Hall (2003), buscou-se identificar a ação de grupos ou indivíduos que agem a partir de uma escassez de códigos institucionalizados no espaço da cidade contemporânea. Partindo do princípio de que estes atos de linguagem não se ancoram em códigos institucionalizados pode-se pressupor que incorporam, muitas vezes – mesmo que de forma inconsciente – elementos que ultrapassam aquilo que pretendia transmitir, possuindo na sua própria dinâmica um certo grau de experimentação. Devido a esta característica estes atos de linguagem propõem àqueles que os percebem um jogo dentro do espaço cotidiano da cidade. Temos então, finalmente, a definição do objeto deste artigo: ao olhar para o espaço cotidiano hoje, espaço de interações comunicativas por excelência, permeado



pela onipresença dos meios de comunicação de massa eletrônicos e digitais, quais seriam as mídias que processam trocas simbólicas e práticas entre os indivíduos afora as mídias tradicionais, em outras palavras quais são as formas de comunicação que podem se estabelecer no espaço cotidiano paralelamente às mídias institucionalizadas?

Mídias pós-modernas

É interessante para os estudos da comunicação hoje, se aproximar de uma perspectiva como a proposta por Canclini para compreender o papel da mídia na pós-modernidade:

... concebemos a pós modernidade não como uma etapa ou tendência que substituiria o mundo moderno, mas como uma maneira de problematizar os vínculos equívocos que ele armou com as tradições que quis excluir ou superar para constituir-se. A relativização pós-moderna de todo o fundamentalismo ou evolucionismo facilita revisar a separação entre o culto, o popular e o massivo, sobre a qual ainda simula assentar-se a modernidade, elaborar um pensamento mais aberto para abarcar as interações e integrações entre os níveis, gêneros e formas da sensibilidade coletiva. (1997: 28)

Esta definição apresenta uma tentativa de problematizar a hierarquização do conjunto de expressões comunicativas que historicamente parecem ser classificadas a partir da perspectiva dos interessados em autorizar ou desautorizar determinadas manifestações. Se concordamos com os conceitos apontados como característicos da pós-modernidade de “destotalização” (não há mais um consenso teórico que seja capaz de explicar o mundo), “desreferencialização” (perda da fricção com a matéria, sensação de enfraquecimento do contato com o mundo externo) e “destemporalização” (a falta de perspectiva de um futuro e o livre acesso ao passado geram uma impressão de que o presente está alargado) (GUMBRECHT, 1998) temos que a pós-modernidade implica em repensar as mídias não na direção de investigar a superioridade de uma mídia em relação a outra, mas sim de investigar como o surgimento de novas mídias proporcionam modificações nas formas de perceber o mundo.

Para tornar mais claras as relações entre mídia, linguagem e as diferentes formas de perceber o mundo vamos tomar como exemplo as manifestações artísticas. A arte parte de um processo contínuo de objetivação de sentimentos subjetivos que encontram resistência para serem expressos a partir de formas já estabelecidas da linguagem, necessitando intrinsecamente de invenção e experimentação. Então, arte não se restringe aos seus objetos ou ao seu campo, mas estabelece uma relação triádica entre artista, o objeto expressivo e o público. Uma vez que os objetos da arte expressam eles são



linguagem, ou seja, são formas de expressão que possibilitam um estar-no-mundo, um compartilhamento das experiências. Sabemos que o estar-no-mundo somente é possível a partir da linguagem que torna objetivos os sentimentos de um indivíduo, também sabemos que a linguagem necessita de um *medium*, precisa se materializar de alguma maneira para que seja comunicável. Aceitando que cada *medium* possui características que não podem ser reproduzidas em nenhum outro, temos que diferentes formas de materialização da linguagem constroem formas diferentes de estar-no-mundo.

Aceitando o raciocínio de que a materialidade da linguagem é constitutiva para um estar-no-mundo, lembramos aqui a teoria da “materialidade da comunicação” proposta por Gumbrecht. Ao tentar incorporar elementos não considerados pela prática hermenêutica para a produção de sentido, Gumbrecht aponta que não se pode dedicar a atenção apenas à semântica e às formas dos conteúdos mas deve-se considerar “os mutáveis meios de comunicação como elementos constitutivos das estruturas, da articulação e da circulação de sentido” (GUMBRECHT, 1998, p. 67). As mudanças estruturais pelas quais passam os meios de comunicação provocam um profundo impacto sobre o sentido e suas formas, além de reconfigurar as funções dos processos comunicativos, interferindo sobre a mentalidade dos indivíduos envolvidos. A prática contemporânea de se escrever utilizando *softwares* de edição de texto, onde o “copiar e colar” é uma prática comum, de certa maneira faz com que este texto tenha diferenças significativas em relação a textos produzidos de outra maneira como, por exemplo, um texto escrito a mão. É nesta direção que devemos compreender a instigante citação de Walter Benjamin em seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica: “Muito se escreveu, no passado, de modo tão sutil como estéril, sobre a questão de saber se a fotografia era ou não uma arte, sem que se colocasse sequer a questão prévia de saber *se a invenção da fotografia não havia alterado a própria natureza da arte* (1994, p. 176)”. Seguindo o raciocínio de Benjamin pode-se dizer que a natureza da arte foi alterada com o surgimento de novos *media*, novas formas de expressar a experiência, como, por exemplo, os *media* que surgem a partir da eletrônica e do digital. É possível seguir ainda mais e afirmar que a nossa percepção de mundo se modificam com o surgimento de novas mídias.

Recorremos ao conceito de mídia proposto por Gumbrecht, que ressalta seu caráter de deslocamento espaço-temporal, para voltar mais uma vez nossa argumentação para os objetos do cotidiano: “o que se deve chamar de mídia torna presente, de modo



sempre específico, objetos espacial e temporalmente ausentes.” (GUMBRECHT, 1998: 298). A mídia então se relaciona àquilo que é capaz de produzir efeitos de presença a partir de sua linguagem específica. Até mesmo os críticos do conceito de pós-modernidade concordam na modificação das relações espaço-temporais proporcionadas pelas transformações técnicas das mídias eletrônicas e digitais. Além disso outras transformações também apresentam novas condições para a percepção que são difíceis de se refutar. Por exemplo: qual é a relação do indivíduo com o espaço-tempo na sala de espera da conexão internacional de um aeroporto?

A pós-modernidade parece colocar em questão não só a condição do sujeito que percebe o mundo (enquanto se auto-observa desde as ciências humanas), uma vez que já não é mais facilmente acessível ao sujeito “chaves” para decifrar o mundo, mas também o próprio papel da linguagem enquanto possibilidade de representação do mundo. As telas e os fones, assim como a co-presença parecem apresentar condições para um deslocamento da função de representação da linguagem fazendo com que as mídias realizem efeitos de presença, apresentem experiências de intensidade cuja referencialidade parece não ser tão importante. Diante deste panorama se faz necessário olhar para a experiência do cotidiano para investigar até que ponto seu espaço é capaz de proporcionar experiências de intensidade e efeitos de presença. Caso este raciocínio esteja correto tanto o espaço cotidiano quanto a noção de experiência parecem tomar um lugar de destaque para pensar o mundo contemporâneo.

Estratégias e táticas no cotidiano

Questionando e subvertendo a idéia da passividade no consumo, Certeau nos conduz a um cotidiano em que não há nada fixo, a resistência está no ato de consumir, no uso que se faz dos produtos. Percebemos no autor uma confiança depositada no outro – usuário, consumidor, leitor –, que pode realizar pequenos desvios em suas práticas ordinárias. À produção institucionalizada contrapõe-se uma outra produção, que surge de maneira silenciosa, dispersa, astuciosa. Consumidores que instituem novas “formas de empregar” os produtos impostos por uma ordem dominante. O uso se investe de uma criatividade dispersa e bricoladora por parte de grupos e indivíduos, deixando rastros ilegíveis, difíceis de serem mensurados pelos gráficos estatísticos e sua racionalidade niveladora. O cotidiano é compreendido como um espaço político, no qual pequenas batalhas são travadas no dia-a-dia e os indivíduos – retidos na malha do sistema



tecnocrático e disciplinador – lutam silenciosamente. Mesmo sem o poder de se desvencilhar dessa malha, é possível que o sujeito se destaque, utilizando-se de pequenos golpes, afirmando sua existência a partir de táticas sub-reptícias que se configuram como atos de linguagem. Essas “maneiras de falar” possibilitam a emergência de novas regras para um jogo que se define pela ocasião e pelo transformar, conduzindo o sujeito a uma trajetória que tem por objetivo alcançar a alteridade, a diferença, o outro.

O autor de *A invenção do cotidiano* define duas “lógicas da ação” para compreender e identificar as “maneiras de falar”: a *tática* e a *estratégia*. A *estratégia* define-se pela diferenciação de um dentro e de um fora, através da qual o sujeito é isolado em um lugar circunscrito como *próprio*. A partir desse lugar, definido estrategicamente, o sujeito é capaz de gerir suas relações com a exterioridade. Trata-se de um lugar legitimado pela autoridade: as instituições, a ciência, as empresas, etc. A *estratégia* é a vitória do lugar sobre o tempo, e é por meio da estratégia que o espaço pode ser subjugado a uma vigilância pan-óptica e o poder torna-se preliminar ao saber. Nessa perspectiva, o campo da arte é um lugar estrategicamente definido. Por exemplo, um objeto somente é reconhecido como artístico depois de nomeado e legitimado como tal pelo artista e pelas autoridades responsáveis por lhe aferir valor.

Por outro lado, a *tática* não possui fronteiras definidas, ela não dispõe de uma base, de um lugar, de um próprio, ela só tem por lugar o outro. Se a *estratégia* se constitui como uma vitória do lugar sobre o tempo, a *tática* executa uma trajetória no tempo, não se apropria de uma formalidade específica já dada, mas se constitui como um movimento, como um “fazer com”. Em sua natureza ocasional, a *tática* proporciona atos-surpresa, direcionados para o outro, conformados pelo acaso: ela “consegue estar onde ninguém espera”. Sua astúcia não é visível, é a arte do golpe, do furto.

Denomino [...] “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A *tática* só tem por lugar o outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a *tática* depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos

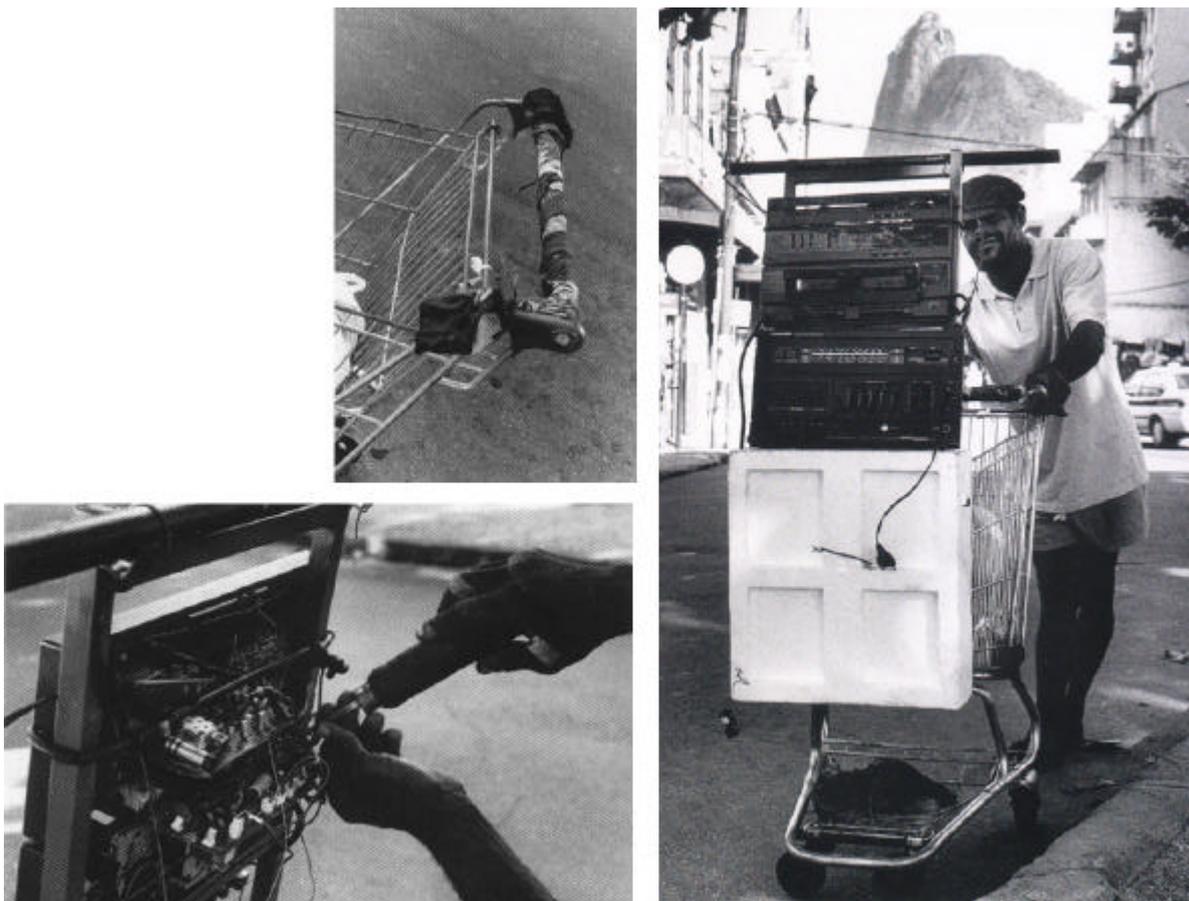


heterogêneos [...], mas sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião”. (CERTEAU, 1994: 47)

É o homem ordinário que promove o desvio da voz para fora dos lugares de controle, desprendendo a linguagem de suas funções metafísicas ou especialistas para devolvê-la ao cotidiano. O ordinário não é um homem ludibriado, cujo destino e decisões são subjugadas pela tecnocracia. Ele aparece como aquele que produz sua linguagem, que tece sua escritura, alguém que, diante do estilhaçamento das tradições, constitui-se em um espaço transitório, móvel. Os atos de linguagem que se aproximam da *tática* apontam para o uso da linguagem em espaços de conflito, que sempre se realizam em relação ao outro. As constantes atualizações, necessárias aos atos de linguagem nos espaços multiformes do cotidiano, favorecem o aparecimento de inventores que fazem e refazem as regras do jogo comunicativo. O ato de enunciação é sempre um jogo do presente, a cada momento de fala o indivíduo se apropria de um sistema de signos, vivificando-o, operando-o de acordo com as situações que se apresentam.

Colocando-se na perspectiva da enunciação [...] privilegia-se o ato de falar: este opera no campo de um sistema lingüístico; coloca em jogo uma apropriação, ou uma reapropriação, da língua por locutores; instaura um presente relativo a um momento e a um lugar; e estabelece um contrato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações. (CERTEAU, 1994: 40)

O espaço cotidiano é ao mesmo tempo renegado e privilegiado, e é justamente em sua transitoriedade que ele preserva um caráter libertário. Seus espaços de passagem, travestidos pelo anonimato, constituem-se como não-lugares em que os sujeitos se inscrevem, utilizando-se de uma “astúcia de caçadores”. A trajetória é o seu ponto de partida e de chegada. As *táticas* do cotidiano, apesar de discretas, manifestam-se às vezes de forma mais aparente, possibilitando a um observador ouvir seu murmúrio (quase) inaudível. Para fixar um exemplo, pode-se observar como transformações proporcionadas por ações táticas se fazem claramente visíveis nos objetos produzidos a partir da sucata (fig. 1, 2, 3 e 4).



Figuras 1, 2 e 3 – Carro de som montado por morador da cidade do Rio de Janeiro identificado como “Zé” (“Achei o som no lixo. Eu peguei quebrado e estou arrumando. Prendi com arame, ajeitei meu MITSUBISHI. Logo mais vou colocar para funcionar”). Materiais utilizados: carrinho de supermercado, aparelho de som, placa de isopor, fio de arame e pano.

FONTE – PEREIRA, 2002. p. 82-83.



Figura 4 – Lata utilizada por ambulante para transportar e manter aquecidos amendoins acondicionados em cones de papel.



FONTE – PEREIRA, 2002. p. 48.

O movimento de apropriação dos restos rouba o tempo das fábricas, permitindo aos indivíduos reintroduzir nos espaços urbanos novas formas de dizer. A partir de *táticas* criativas, os resíduos das máquinas transfiguram-se em objetos textuais e revelam, em sua materialidade, a existência de um processo de enunciação. São vozes que se fazem ouvir nos pequenos gestos de apropriação dos materiais e do espaço: uma lata de tinta é um braseiro que mantém aquecidos cones de papel cheios de amendoins torrados; o carrinho de supermercado é *mixado* com um aparelho de som; ao parar no semáforo o motorista vê seu retrovisor se transformar em uma vitrine para o vendedor de balas... Há uma apropriação dos objetos de consumo, do contexto que se transfigura a partir do uso, eles já não se encontram aprisionados em um sistema rígido que define sua aparência; objetos utilitários cujo utilidade estavam aparentemente restrita são deslocados apresentando-se em sua potencialidade poética. Se a linguagem é constantemente atualizável, podemos perceber em seu uso, no ato de enunciar a reiteração do senso comum, o aparecimento de inventores que fazem e refazem as regras no jogo comunicativo. Em uma sociedade em que o leitor é considerado moldado pela escritura, ou, mais recentemente, moldado pelos meios, o texto aparece como imposto, e o leitor torna-se semelhante ao texto ao invés de se apropriar dele, de “torná-lo semelhante”. A hegemonia de uma lógica produtivista opõe produção e consumo, relegando à “maioria marginalizada” a incapacidade de reação – aos consumidores de simulacros só restaria a apatia.

O funcionamento social e técnico da cultura contemporânea hierarquiza estas duas atividades. Escrever é produzir o texto; ler é recebê-lo de outrem sem marcar aí o seu lugar, sem refazê-lo (CERTEAU, 1994: 264).

Mas o que dizem aqueles que não possuem vozes estrategicamente definidas? Uma questão especialmente importante, que está diretamente ligada à compreensão das relações entre o oral e o escrito como instâncias complementares, é revelado quando aceitamos que ler o sentido e decifrar as letras correspondem a atividades diversas. Os questionamentos semânticos se solidificam no processo de atribuição de sentido, no qual uma memória cultural adquirida de ouvido converge na escrita. Estas relações imbrincadas entre oralidade e escrita podem ser claramente exemplificadas com a tipografia popular que possui características de ilegibilidade (fig. 5).

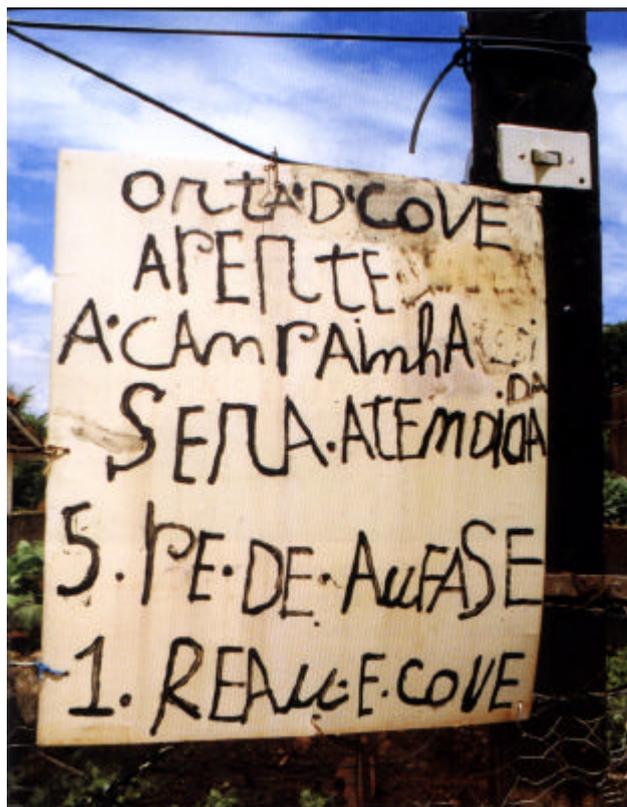


Figura 5 – Placa encontrada em Tabatinga, SP.
FONTE – CAMARGO & SOARES, 2003. p. 69.

A percepção de um texto que “ilegível” depende de um duplo movimento de decifrar as letras e atribuir sentido “lendo” a paisagem, uma vez que a decifração não é imediata. Uma apropriação do leitor se faz necessária desde a decifração das letras, pois a excentricidade dos caracteres exige que o leitor torne-os reconhecíveis, ou seja, o ilegível provoca um elemento extraordinário na decifração do próprio desenho da letra. Quando a letra se apresenta como um elemento desestabilizador, ela se transforma numa paisagem dentro da paisagem. A atribuição de sentido só pode se dar na medida em que o leitor “lê” as paisagens. Se a tipografia popular se constitui ela mesma, não como um conjunto de letras a ser decifrado, mas como uma paisagem tipográfica dentro de um contexto, sua leitura vai se dar a partir da sua compreensão como paisagem. Mesmo que o significado se estabilize no seu sentido pragmático, a experiência da decifração dos caracteres e da presença no contexto não pode ser descartada como conformadora de sentidos.

Fixando o olhar nas manifestações da tipografia popular e nos objetos feitos de sucata, percebemos ações que partem da escassez e da flexibilidade na utilização de recursos e indicam uma ligação direta com o fazer. É o uso poético e silencioso do



espaço que está em jogo. Definitivamente, essas manifestações aproximam-se daquilo que é diverso e múltiplo nas ações *táticas*, são atos comunicativos que se apropriam de acontecimentos, transformando-os em ocasiões. À margem das *estratégias* institucionalizadas, são enunciações que realizam movimentos de apropriação e reapropriação da linguagem, do espaço e do próprio cotidiano. Suas regras se modificam segundo tempos presentes relativos, em que os interesses se encontram dispersos. Não se trata apenas de mensagens informativas ou de objetos funcionais, mas de assinaturas, de *táticas* de ocupação, atos de resistência diante de um mundo estrategicamente organizado. Partem de uma racionalidade intrinsecamente ligada ao fazer, ou seja, são “artes de fazer”, que se executam como operações multiformes e fragmentárias, em consumos combinatórios e utilitários: uma arte de combinar indissociável de uma arte de agir. Afastadas dos meios de comunicação de massa, essas práticas se constituem como expressões do que Certeau chamou de “maneiras de falar”. Nelas não se percebe a delimitação de um lugar, seu objetivo não parece ser o controle do tempo – estamos diante de uma forma outra de auto-explicitação construída nas fronteiras de um espaço da passagem.

São os usuários-inventores que apresentam aos leitores-passantes textos diferentes dos convencionais, textos *táticos* que se realizam na medida em que são percebidos. É justamente no movimento intersubjetivo e transformador da leitura que se encontra uma das possibilidades de aparecimento do poético no cotidiano.

A leitura ficaria então situada na conjunção de uma estratificação *social* (das relações de classe) e de operações *poéticas* (construção do texto por seu praticante): uma hierarquização social atua para conformar o leitor à ‘informação’ distribuída por uma elite (ou semi-elite): as operações de leitura trapaceiam com a primeira insinuando sua inventividade nas brechas de uma ortodoxia cultural. Destas duas histórias, uma esconde aquilo que não é conforme aos “mestres” e lho torna invisível; a outra o dissemina nas redes do privado. Ambas pois colaboram para fazer da leitura uma incógnita de onde emerge de um lado, teatralizada e dominante, a única experiência letrada e, do outro, raros e parcelados, à maneira de bolhas que sobem do fundo d’água, os índices de uma poética *comum*. (CERTEAU, 1994: 268)

Vamos então tentar compreender alguns aspectos que apontam para o surgimento dessa poética *comum*, pois é importante identificar aqui neste artigo como se produz linguagem no espaço cotidiano. A apropriação criativa necessária a esse surgimento pode ser vista claramente nos deslocamentos promovidos pelos objetos da sucata. Em primeiro lugar, o usuário-inventor faz uso dos restos industriais para explicitar suas vontades, suas necessidades ou sua imaginação promovendo



interferências ativas sobre os materiais disponíveis e o espaço. Percebemos aqui o processamento de referências diversas que se materializam a partir de apropriações e reapropriações. Dentro de um sistema predeterminado, a saber, o sistema de produção industrial, vislumbramos a manifestação de uma criatividade cotidiana que se constrói a partir de deslocamentos discretos. As formas e os materiais afastam-se de funções predeterminadas e são reconfigurados pelo uso: um pneu é usado como suporte para uma inscrição, uma lata de cerveja transforma-se em cinzeiro. O uso, que determina a configuração final, é ocasional, móvel, fugaz, acompanha as migrações dos usuários, e é a partir dele que se pode pensar na enunciação do homem ordinário. A concentração no uso retira dos objetos de consumo a função de representantes de uma ordem fixa. Quando os usuários-inventores fazem ver suas táticas, algo antes silencioso pode ser ouvido, reverberando nos corpos dos leitores-passantes. Aceitando que o uso se baseia em constantes deslocamentos, vislumbramos na sua realização criativa a possibilidade de provocar estranhamento. São materiais usados de forma inusitada, *táticas* de fala que propõem aos leitores-passantes um jogo cujas regras são dadas por contextos ocasionais.

Um segundo aspecto a ser considerado para o aparecimento da poética *comum* diz respeito à forma como se firma o olhar do leitor-passante sobre essas letras e esses objetos inseridos em seu dia-a-dia, ou seja como poderia ser percebida esta poética. O caminhar é também um enunciar. Os sujeitos movimentam-se deixando rastros ilegíveis, caminhos enunciados, “árvores de gestos” que ocupam o espaço sem definir lugar. O corpo se move enquanto o olhar disperso sobrevoa a complexidade do visível. Alguns destes rastros, no entanto, se fazem ver quando o olhar se fixa, mesmo que brevemente, em um objeto, em uma inscrição. Nesse momento, quase aleatoriamente, um *frame* pode ser criado sobre os textos do usuário-inventor, e o leitor-passante experimenta o seu cotidiano esteticamente, ultrapassando a mensagem pragmática ou a funcionalidade utilitária. Eis, finalmente, o ato da leitura, uma atividade performativa que se dispersa em sua duração, bricolagem de memórias e conhecimentos que se contradizem e se completam em espaços de jogos entre o texto e o leitor. O jogo proposto pelo texto não conquista um lugar, avança sobre seus leitores como uma dialética sem síntese, transforma, mas não se fixa: a leitura e o leitor não têm lugar.

... seu lugar não é aqui ou lá, um ou o outro, mas nem um nem outro, simultaneamente dentro e fora, perdendo tanto um como o outro misturando-os, associando textos adormecidos mas que ele desperta e habita, não sendo nunca proprietário. Assim, escapa também à lei de cada texto em particular, como a do meio social. (CERTEAU, 1994: 270)



Os objetos de sucata insinuam pequenas transgressões, deslocamentos que abrem e quebram expectativas. Durante o processo de interação com os objetos do cotidiano é a presença forte do contexto que atravessa o corpo. Ao deslocar a utilidade dos objetos de consumo imprimindo novos usos a eles as táticas tornam visíveis a ênfase em uma percepção da presença e da experiência da intensidade, características da pós-modernidade. O cotidiano não deixa o corpo impune, atravessa-o com ruídos, cheiros, texturas, paisagens, presenças. Como se apontasse para a existência de um texto não estruturado, uma expressão, uma linguagem que talvez não possa mesmo ser percebida no silêncio dos gabinetes.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense. 1994 (1v.)
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. In: NETO, Antônio F.; PRADO, José I. Aidar; PORTO, s. Dayrrel (orgs.). **Campo da Comunicação – categorização problematizações e perspectivas**. João Pessoa: Editora Universitária ufpb, 2001.
- CAMARGO, José Eduardo & SOARES, L. **O Brasil das placas: viagem por um país ao pé da letra**. São Paulo: Editora Abril, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. **Cultura híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Production of presence. What meaning cannot convey**. Stanford: Stanford University Press, 2004.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- PEREIRA, Gabriela de Gusmão. **Rua dos inventos: ensaio sobre desenho vernacular**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 2002.